

# **APOSTILA SOBRE O TEMA DEUS**

## **OBRAS CONSULTADAS**

**Allan Kardec - O Livro dos Espíritos, Cap.I**

**Allan Kardec - A Gênese, Cap.II**

**Robson Pinheiro - Geração da Terra, ditado pelo espírito Alex Zarthú**

**Divaldo Franco - Estudos Espíritas, ditado pelo espírito Joanna de Ângelis**

## **Capitulo.1 - O Livro dos Espíritos**

### **De Deus**

- Deus e o infinito
- Provas da existência de Deus
- Atributos da Divindade
- Panteísmo

**DEUS E O INFINITO**

1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

2. Que se deve entender por infinito?

“O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa pela coisa mesma, é definir uma coisa que não está conhecida por uma outra que não o está mais do que a primeira.

## **PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS**

4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

“Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. Que dedução se pode tirar do sentimento instintivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?

“A de que Deus existe; pois, donde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência do princípio — não há efeito sem causa.”

6. O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não poderia ser fruto da educação, resultado de idéias adquiridas?

“Se assim fosse, por que existiria nos vossos selvagens esse sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse tão-somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que houvessem podido receber esse ensino, conforme se dá com as noções científicas.

7. Poder-se-ia achar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas?

“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades?”

É indispensável sempre uma causa primária.”

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, porquanto essas propriedades são, também elas, um efeito que há de ter uma causa.

8. Que se deve pensar da opinião dos que atribuem a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, por outra, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom-senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada.”

A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia

combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Em que é que, na causa primária, se revela uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Tendes um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vede a obra e procurai o autor. O orgulho é que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Por isso é que ele se denomina a si mesmo de espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

Do poder de uma inteligência se julga pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a causa primária é, conseguintemente, uma inteligência superior à Humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária. Aquela inteligência superior é que é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe dêem.

## **ATRIBUTOS DA DIVINDADE**

10. Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; falta-lhe para isso o sentido.”

11. Será dado um dia ao homem compreender o mistério da Divindade?

“Quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria. Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá.”

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que nele se desenvolve o senso moral, seu pensamento penetra melhor no âmago das coisas; então, faz idéia mais justa da Divindade e, ainda que sempre incompleta, mais conforme à sua razão.

12. Embora não possamos compreender a natureza íntima de Deus, podemos formar idéia de algumas de suas perfeições?

“De algumas, sim. O homem as compreende melhor à proporção que se eleva acima da matéria. Entrevê-as pelo pensamento.”

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos idéia completa de seus atributos?

“Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas idéias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.”

Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.

É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

É imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único. Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus.

## **PANTEÍSMO**

14. Deus é um ser distinto, ou será, como opinam alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

“Se fosse assim, Deus não existiria, porquanto seria efeito e não causa. Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa.

“Deus existe; disso não podeis duvidar e é o essencial. Crede-me, não vades além. Não vos percais num labirinto donde não lograríeis sair. Isso não vos tornaria melhores, antes um pouco mais orgulhosos, pois que acreditaríeis saber, quando na realidade nada saberíeis. Deixai, conseguintemente, de lado todos esses sistemas; tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável.”

15. Que se deve pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e constituiriam, em conjunto, a própria Divindade, ou, por outra, que se deve pensar da doutrina panteísta?

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte de Deus.”

16. Pretendem os que professam esta doutrina achar nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus: Sendo infinitos os mundos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não havendo o vazio, ou o nada em parte alguma, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. Que se pode opor a este raciocínio?

“A razão. Refleti maduramente e não vos será difícil reconhecer-lhe o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Ora, transformando-se a matéria incessantemente, Deus, se fosse assim, nenhuma estabilidade teria; achar-se-ia sujeito a todas as vicissitudes, mesmo a todas as necessidades da Humanidade; faltar-lhe-ia um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade.

Não se podem aliar as propriedades da matéria à idéia de Deus, sem que ele fique rebaixado ante a nossa compreensão e não haverá sutilezas de sofismas que cheguem a resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que ele é, mas sabemos o que ele não pode deixar de ser e o sistema de que tratamos está em contradição com as suas mais essenciais propriedades.

Ele confunde o Criador com a criatura, exatamente como o faria quem pretendesse que engenhosa máquina fosse parte integrante do mecânico que a imaginou.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; mas, as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

## **Capítulo.2 - A GÊNESE**

### **EXISTÊNCIA DE DEUS**

1. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa consideremos antes de tudo.

2. Constitui princípio elementar que pelos seus efeitos é que se julga de uma causa, mesmo quando ela se conserve oculta.

Se, fendendo os ares, um pássaro é atingido por mortífero grão de chumbo, deduz-se que hábil atirador o alvejou, ainda que este último não seja visto. Nem sempre, pois, se faz necessário vejamos uma coisa, para sabermos que ela existe. Em tudo, observando os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

3. Outro princípio igualmente elementar e que, de tão verdadeiro, passou a axioma é o de que todo efeito inteligente tem que decorrer de uma causa inteligente.



Se perguntassem qual o construtor de certo mecanismo engenhoso, que pensaríamos de quem respondesse que ele se fez a si mesmo?

Quando se contempla uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que há de tê-la produzido um homem de gênio, porque só uma alta inteligência poderia concebê-la.

Reconhece-se, no entanto, que ela é obra de um homem, por se verificar que não está acima da capacidade humana; mas, a ninguém acudirá a idéia de dizer que saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, nem, ainda menos, que é trabalho de um animal, ou produto do acaso.

4. Em toda parte se reconhece a presença do homem pelas suas obras.

A existência dos homens antediluvianos não se provaria unicamente por meio dos fósseis humanos: provou-a também, e com muita certeza, a presença, nos terrenos daquela época, de objetos trabalhados pelos homens. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo bastarão para lhe atestar a presença. Pela grosseria ou perfeição do trabalho, reconhecer-se-á o grau de inteligência ou de adiantamento dos que o executaram. Se, pois, achando-vos numa região habitada exclusivamente por selvagens, descobrires uma estátua digna de Fídias, não hesitareis em dizer que, sendo incapazes de tê-la feito os selvagens, ela é obra de uma inteligência superior à destes.

5. Pois bem! lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da Natureza, notando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a essas obras, reconhece o observador não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais portentosa inteligência humana. Ora, desde que o homem não as pode produzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à Humanidade, a menos se sustente que há efeitos sem causa.

6. A isto opõem alguns o seguinte raciocínio:

As obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito daquelas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao de quem ele proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração se acham subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc.

O mesmo se dá com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não acusa a ação de qualquer inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer; aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato.

Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

Tudo isso é verdade; mas, essas forças são efeitos que hão de ter uma causa e ninguém pretende que elas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; não são de si mesmas inteligentes, também isto é verdade; mas, são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com automática regularidade e é nessa regularidade que lhe está o mérito. É toda material a força que o faz mover-se e nada tem de inteligente.

Mas, que seria esse pêndulo, se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído o emprego daquela força, para fazê-lo andar com precisão? Do fato de não estar a inteligência no mecanismo do pêndulo e do de que ninguém a vê, seria racional deduzir-se que ela não existe? Apreciamo-la pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo lhe atesta a inteligência e o saber.

Quando um relógio vos dá, no momento preciso, a indicação de que necessitais, já vos terá vindo à mente dizer: aí está um relógio bem inteligente?

Outro tanto ocorre com o mecanismo do Universo: Deus não se mostra, mas se revela pelas suas obras.

7. A existência de Deus é, pois, uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos. Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um ente superior à Humanidade.

Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

## **A PROVIDÊNCIA**

20. A providência é a solícitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial.

“Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo?”

Esta a interrogação que a si mesmo dirige o incrédulo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode admitir, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do Universo; que este funcione de toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais toda

criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que haja mister a intervenção incessante da Providência.

21. No estado de inferioridade em que ainda se encontram, só muito dificilmente podem os homens compreender que Deus seja infinito. Vendo-se limitados e circunscritos, eles o imaginam também circunscrito e limitado. Imaginando-o circunscrito, figuram-no quais eles são, à imagem e semelhança deles. Os quadros em que o vemos com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das massas, que nele adoram mais a forma que o pensamento.

Para a maioria, é ele um soberano poderoso, sentado num trono inacessível e perdido na imensidade dos céus. Tendo restritas suas faculdades e percepções, não compreendem que Deus possa e se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. Impotente para compreender a essência mesma da Divindade, o homem não pode fazer dela mais do que uma idéia aproximativa, mediante comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que, ao menos, servem para lhe mostrar a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. Sendo ininteligente, esse fluido atua mecanicamente, por meio tão-só das forças materiais. Se, porém, o supusermos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele já não atuará às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade: verá, ouvirá e sentirá.

23. As propriedades do fluido perispirítico dão-nos disso uma idéia. Ele não é de si mesmo inteligente, pois que é matéria, mas serve de veículo ao pensamento, às sensações e percepções do Espírito. Esse fluido não é o pensamento do Espírito; é, porém, o agente e o intermediário desse pensamento. Sendo quem o transmite, fica, de certo modo, impregnado do pensamento transmitido.

Na impossibilidade em que nos achamos de o isolar, a nós nos parece que ele, o pensamento, faz corro com o fluido, que com este se confunde, como sucede com o som e o ar, de maneira que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. Seja ou não assim no que concerne ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente, quer por intermédio de um fluido, para facilitarmos a compreensão à nossa inteligência, figuremo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente que enche o universo infinito e penetra todas as partes da criação: a Natureza inteira mergulhada no fluido divino. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solícitude.

Nenhum ser haverá, por mais ínfimo que o suponhamos, que não esteja saturado dele. Achamo-nos então, constantemente, em presença da

Divindade; nenhuma das nossas ações lhe podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contacto ininterrupto com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refolhos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Para estender a sua solicitude a todas as criaturas, não precisa Deus lançar o olhar do Alto da imensidade. As nossas preces, para que ele as ouça, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, pois que, estando de contínuo ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. Longe de nós a idéia de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação apropriada a dar de Deus uma idéia mais exata do que os quadros que o apresentam debaixo de uma figura humana. Destina-se ela a fazer compreensível a possibilidade que tem Deus de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

26. Temos constantemente sob as vistas um exemplo que nos permite fazer idéia do modo por que talvez se exerça a ação de Deus sobre as partes mais íntimas de todos os seres e, conseguintemente, do modo por que lhe chegam as mais sutis impressões de nossa alma. Esse exemplo tiramo-lo de certa instrução que a tal respeito deu um Espírito.

27. “O homem é um pequeno mundo, que tem como diretor o Espírito e como dirigido o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Deus seria o Espírito.

(Compreendi bem que aqui há uma simples questão de analogia e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos, as articulações são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em pontos especiais do referido corpo. Se bem seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variada e diferente, a ninguém é lícito supor que se possam produzir movimentos, ou uma impressão em qualquer lugar, sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra.

Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito as sente todas, distingue, analisa, assina a cada uma a causa determinante e o ponto em que se produziu, tudo por meio do fluido perispirítico.

“Análogo fenômeno ocorre entre Deus e a criação. Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda parte, no corpo. Todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contacto imediato com o ser espiritual.

Não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam de maneira idêntica, num e noutro caso.



“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão a vibrar; o Espírito resente todas as manifestações, as distingue e localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente: Deus sabe o que se passa e assina a cada um o que lhe diz respeito.

“Daí se pode igualmente deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, de todas as criações com o Criador.”  
(Quinemant, Sociedade de Paris, 1867.)

# **Da obra - Geração da Terra psicografia Robson Pinheiro - ditado pelo espírito Alex Zarthú**

## **DEUS A CONSCIÊNCIA SUPREMA**

"O que é Deus? — Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas." Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos, item I

O SER CUJA REALIDADE transcende o próprio universo permanece ainda incompreendido pela grande maioria de suas criaturas, de seus filhos. O homem já nasce com a intuição de que existe uma força soberana que se irradia em todo o universo, à qual dá o nome de Deus.

Entretanto, sabemos que a verdade assemelha-se à luz da aurora, que vai clareando lentamente até atingir a exuberância do sol do meio-dia. O conhecimento do homem a respeito de seu Criador não foge à regra. Inicialmente, não podendo compreender os atributos de um ente espiritual que detém todo o poder e todas as perfeições num grau absoluto, o homem passou a humanizar Deus, transformando-o segundo os seus conceitos, à sua imagem e à sua própria semelhança.

Começa a emprestar ao Criador Supremo suas próprias imperfeições e cria a imagem de um Deus antropomórfico.

O homem transforma Deus numa divindade humanizada, que se ira, sente raiva, precisa de sacrifícios para aplacar sua sede de justiça e sangue; enfim, personaliza o Criador, atribuindo-lhe a imagem de um ancião de longas barbas, dominando um paraíso beatífico e pronto para irar-se ao primeiro sinal de rebeldia ou ignorância de suas criaturas, de seus filhos. A ignorância do homem colocou a divindade tão distante do ser humano que se tornou quase impossível à criatura chegar-se ao Supremo Senhor, o Pai. Observamos, por exemplo, como a idéia a respeito de Deus evoluiu no transcorrer dos milênios.

Segundo a tradição bíblica, os filhos de Adão estabeleceram o culto à divindade oferecendo sacrifícios e oferendas ao ser que entendiam ser

Deus. Caim e Abel, na alegoria dos livros hebraicos (Gn 4:3-4), começaram com suas dádivas, frutos da terra e sacrifícios de animais, e estatuíram a primeira forma de culto, quando a criatura, em sua ignorância, pôde perceber, de maneira imprecisa, a presença de Deus na criação. A partir daí o homem passou a desenvolver seu próprio conceito de Deus, humanizando-o, indo desde a adoração às forças da natureza até o estabelecimento de um sistema ritual que incluía sacrifícios, manjares e muito sangue para tentar agradar a divindade, conforme se pode ler no Pentateuco 1 (nota fim de texto), conjunto de livros bíblicos supostamente escritos por Moisés.

No sistema de culto estabelecido pelos hebreus, Deus era visto como uma divindade que necessitava de sangue e outras demonstrações inferiores para se satisfazer. Na realidade, esse tipo de culto primitivo não passava de uma tentativa de barganhar com a divindade. Com Jesus, no entanto, caiu o véu que encobria os olhos do homem; ele trouxe-nos um conceito de Deus mais compatível com a realidade universal. Jesus chamou Deus de Pai e falou, em suas palavras sábias, que "tempo virá que os verdadeiros adoradores do Pai o irão em espírito e verdade, porque Deus é espírito, e importa que seja adorado em espírito e verdade" (Jo 4-23-24).

Compreende-se, com Jesus, que Deus é Amor, Justiça, Vida; enfim, é o Pai de todas as criaturas, o princípio sobre o qual se sustenta a idade do universo. Cai por terra todo o sistema de sacrifícios e barganhas que o homem tentou incutir em sua mente a respeito de Deus. Mas é com a Doutrina Espírita, que estabelece o conceito de que Deus é Consciência Cósmica, que a humanidade marcha para uma compreensão cada vez mais ampla da divindade. Descartando a idéia de um Deus antropomórfico, que se confunde com a própria criatura, os imortais

revelam que Deus é a causa causal de todas as coisas, a Consciência Suprema sempre presente em todo o universo, transcendendo com esse conceito todos os outros até então trazidos para a humanidade.

Deus não é mais personificado, é o Espírito do Universo. Por analogia, podemos compará-lo ao que o espírito encarnado é para o corpo físico. Deus é Espírito, disse Jesus. O espírito é uma consciência que rege o mundo orgânico. Cada órgão, cada célula, cada átomo do corpo físico acha-se intimamente ligado ao espírito, embora o espírito não seja a soma desses órgãos. Sem o espírito, o corpo seria apenas uma massa disforme, não um homem.

Deus é a Consciência que estabelece a ordem e a harmonia do universo. Cada constelação, cada galáxia, cada planeta, cada sol, cada erva, cada átomo é eternamente preenchido pela Consciência divina. Deus é imanente a toda a criação.

Mas a criação não é o Criador. 2 (nota fim de texto) Ele é a Consciência que fecunda de vida todo o universo, que mantém os mundos na amplidão, em sua eterna marcha, suspensos sob sua atuação, nos espaços infinitos. Mas a realidade divina transcende tudo isso. Imaginai por um momento o aspecto físico e energético do universo. O conjunto dos sistemas siderais, os reinos estelares, as famílias planetárias com o cortejo de humanidades 3 (nota fim de texto) que carregam consigo, as galáxias e universos, cuja grandeza foge à capacidade de compreensão dos seres criados.

Além disso, nessa realidade física, desdobrando-se em outras faixas vibratórias, que também fogem à compreensão do homem terreno,

vibram seres e coisas, outra realidade, outras dimensões. Aí igualmente está presente, coordenando, orientando, mantendo a existência de todas as coisas que vivem em estados diferentes da matéria física, a Consciência Universal, Deus. Além desses outros campos de vida, adentrando o domínio de campos energéticos e, mais ainda, de abstrações mentais, mundos que superam a própria existência do tempo e do espaço, da forma e das dimensões conhecidas pelo homem, a Consciência Cósmica de Deus a tudo preside, a tudo governa, a tudo mantém. E de analogia em analogia entendemos, através de mil conceitos, o que a Doutrina Espírita diz ao afirmar que Deus é a "causa primária de todas as coisas", imanente e transcendente a toda a criação.

Ele está presente em cada coisa, desde o átomo à erva que nasce no campo, ao homem que não o compreende em Sua grandeza, aos sistemas na imensidade.

Mas Deus está igualmente além de qualquer realidade objetiva ou subjetiva, além de qualquer fronteira vibratória, de qualquer limite que a imaginação possa conceber, irradiando seu pensamento soberano em todas as partes do universo e eternamente presente em qualquer lugar.

O universo se apresenta como a materialização do pensamento divino. Sua essência incompreendida é sempre presente. Sua presença e existência resultam nas Leis Universais 4, que as criaturas estudam através dos séculos. Sua eterna presença é Lei. Paira acima de qualquer conceito filosófico ou definições existentes ou que venham a existir a respeito dele. Imanência e transcendência.

O conceito que o Espiritismo vos mostra a respeito de Deus prepara-vos para viver na Era Cósmica que se avizinha. Seus atributos de eternidade, atemporalidade, onisciência, onipotência, onipresença, já longamente discutidos em todas as religiões, na Doutrina dos Imortais são ampliados com a visão cósmica de Deus. Não podemos comparar a Divindade a uma força ou energia, pois força e energia são perfeitamente explicáveis pelos modelos da nomenclatura científica terrena. O Ser onisciente é mais ainda do que qualquer conceito o possa definir.

No ensinamento bíblico, quando Moisés perguntou ao Enviado do Eterno quem ele era, a resposta foi: "Eu sou o que sou" (Ex 3:14).

Esse nome, embora incompreensível para a maioria dos mortais, encerra a verdade de que Deus permanece indefinível pelo vocabulário humano. Certo que podemos nos aproximar de uma compreensão de seus atributos, mas defini-lo é ainda impossível. Compreendê-lo ainda é difícil, mas com a vinda de Jesus e a revelação espírita ampliou-se o entendimento a respeito dos atributos da Divindade. O que mais podemos fazer é, a partir de comparações, tentar nos aproximar o mais possível, na medida de nossa acanhada compreensão, da grandeza do Todo-Sábio.

A realidade inquestionável é que Deus é Pai 5, na definição mais clara que Jesus pôde dar à humanidade. Ao analisarmos os primeiros momentos conhecidos da vida universal, as primeiras manifestações da vida no micro ou macrocosmo, podemos perguntar: Existiu um poder idealizador e organizador que deu origem ao universo? Quem ou Que

deu a base e formulou as leis que desde o princípio presidiram a evolução? De onde surgiu a primeira informação que ordenou as moléculas do DNA? Onde está a inteligência dinâmica que estruturou o primeiro átomo ou que deu carga elétrica ao primeiro elétron?

Ao observarmos a perfeição das leis e sua estrutura material tal como foram descobertas por físicos e sábios de variadas épocas, perguntamos: Quem estatuiu ou Que elaborou tais leis de forma que elas regulem cada segmento da vida universal? Necessariamente, a razão nos impele para a existência de um plano diretor de todas as formas do universo.

Como disse certo sábio de vosso mundo, "Caso Deus não existisse, teríamos de inventá-lo, para encontrar a razão de ser de tudo o que existe".

Diante de simples observações materiais, qualquer ser com um mínimo de bom senso compreende que há uma intenção organizadora e modeladora por traz de tudo o que existe. Caso a Terra estivesse afastada do Sol apenas um único centímetro a mais da distância em que se encontra, jamais a vida teria chance de se desenvolver da forma como se desenvolveu em sua superfície.

Observando a Lua, as leis que regulam as forças que a prendem em suas balizas, compreende-se que, se as forças gravitacionais que a sustentam fossem dispostas um grau a mais ou a menos do que se observa, o satélite de vosso planeta seria arrastado irremediavelmente para a superfície planetária ou se arrojaria ao espaço, causando

cataclismos climáticos e geológicos que, com certeza, impediriam a vida de se organizar tal como se organizou ao longo dos milênios.

Com relação ao próprio Sol, centro do vosso sistema planetário, com seu sistema equilibrado de fusão e fissão nuclear, caso não fosse estabelecido o equilíbrio entre sua pressão interna e externa, não teria passado de uma bomba de proporções galácticas, e a vida em vosso mundo não teria se desenvolvido conforme observais atualmente.

Observando mais de perto, vemos como a simples existência dos raios ultravioleta ou outras radiações perigosas vindas do cosmos fez surgir a necessidade de uma película protetora de ozônio que impedisse esses mesmos raios de destruir a vida organizada.

Tudo isso e muito mais leva a pensar seriamente que há uma intenção por trás de tudo o que existe e um planejamento divinamente orientado para estatuir as leis, as distâncias, as forças que regulam a vida e suas manifestações em toda parte do universo. Em tudo está a Consciência de Deus, elaborando a vida, dinamizando as leis, regulando a evolução de uma forma maravilhosa. Alonguemos mais as nossas observações e aprofundemos-nos nos conceitos, sem, contudo, perder a simplicidade.

A existência de um Ente Supremo, de uma Consciência que tudo orienta, que tudo gerou, desperta em nós a compreensão de que essa inteligência, para administrar tudo isso, todo o complexo da vida cósmica, há de ser necessariamente onisciente.



Esse Ser deve saber com antecedência e em plenitude tudo aquilo que deve acontecer, todos os passos de suas criaturas, todas as escolhas e, necessariamente, todas as conseqüências dessas escolhas. É impossível conceber a Suprema Consciência sem o atributo da onisciência. Portanto, podemos entender que todos os caminhos escolhidos, todas as lutas e fracassos, vitórias ou derrotas que o ser experimenta ao longo de sua trajetória evolutiva terão de ser conhecidos, previstos e admitidos no plano diretor do Todo-Sábio.

Contudo, não podemos dizer, resolvendo essas questões filosóficas de uma forma simplista, que os seres criados estejam fadados a uma lei inexorável da qual não podem furtar-se ou subtrair-se. Ao lado da onisciência do Poder Criador e da Mente Diretora do Universo, a providência divina é, igualmente, um atributo ou uma forma de a Suprema Consciência definir as variáveis que auxiliarão os seres criados na escolha a seguir.

Em fases embrionárias ou infantis da vida no cosmos, é necessária a polaridade, a visão dualista do mundo, a fim de que os seres se situem no contexto educativo da vida e administrem a possibilidade de escolher.

O bem e o mal, dessa forma, aparecem no cenário do mundo como as trevas em relação à luz, o caos em relação à ordem. Durante a fase infantil da evolução anímica, é preciso a existência dos contrastes para que o ser compreenda a real grandeza do caminho do bem. Mesmo assim, suas escolhas foram previstas pela Onisciente Sabedoria, que dispõe de leis para regular o processo educativo de seus filhos.

Surge então, no cenário do mundo, o elemento dor, necessariamente vinculado à própria manifestação da lei que regula os efeitos em relação com as causas.

A dor assume um papel importante na vida orgânica do universo.

A lei que a regula em sua intensidade foi propositadamente gerada pela mente do Todo-Poderoso.

Dor e sofrimento são recursos inseridos no próprio programa de desenvolvimento do cosmos a fim de regular as ações das criaturas e marcar a necessidade de retorno do caos aparente para a ordem real.

Toda vez que algum ser ou alguma parte do universo tende ao caos ou à desarmonia, a dor e o sofrimento surgem como forças dinâmicas que atuam em sentido educativo e coercitivo, orientando a parte desarmônica para o sentido pleno da vida — a ordem e a harmonia.

A dor traz em si mesma, implícita em sua própria existência, uma lei de auto-extermínio. Ou seja, a dor consome-se a si mesma, tão logo o ser se adapte à rota do bem, da ordem e da equidade. Tudo isso foi previsto pela onisciência do Todo-Poderoso. Conhecendo com antecedência as escolhas, os acertos e desacertos de seus filhos, antes mesmo de serem criados, estatuiu as leis morais, para que pudessem regular as relações e as decisões, de forma que ninguém se perca na caminhada.

As leis morais, juntamente com as leis físicas, servem como prova para todas as criaturas de que existe um planejamento oculto, um direcionamento de cada ser, cada situação, para um fim determinado, e de que é impossível que alguém ou algum ser, em qualquer parte do universo, aja ou escolha um caminho contrário à lei de Deus.

Toda vez que, na visão limitada e estreita do homem terrestre, o ser escolhe um caminho equivocado, produzindo o mal, a lei geral da harmonia entra em ação, e surge a dor como elemento reparador e educador, orientando o ser para a readaptação.

O processo da vida orgânica do mundo contém em si todos os recursos de forma a regular os atos morais da criatura, e, assim, onisciência e providência divinas convivem com absoluta perfeição, orientando o universo moral. A Suprema Sabedoria dispôs o universo como berço da vida. Galáxias, sóis, planetas, poeira estelar existem unicamente com a finalidade de aconchegar a vida.

Tudo foi disposto com objetivos definidos.

Assim, cada ser minúsculo do vosso mundo, cada criatura, verme, vírus ou outra qualquer forma de vida existem para o perfeito equilíbrio do ecossistema da vida universal. Diante da complexidade e da variedade da vida no mundo, a única forma de vida que, ao manifestar-se, pode usufruir e entrar em relação direta com as outras formas de vida, interferir, criar, destruir, amar, odiar, sentir e raciocinar é a forma inteligente.

Todos os outros seres que antecedem o homem na escala evolutiva estão na condição de ensaios da vida. O ser inteligente é o único capaz de transformar e auto-transformar-se, com consciência, e direcionar-se inteligentemente nas múltiplas escolhas que a Suprema Lei faculta aos seres.

A Suprema Inteligência, ao estatuir as leis do universo, insuflou nas próprias leis a condição de que os seres criados as descobrissem e compreendessem. Organizou o universo como um sistema orgânico em que mundos e sóis funcionam sem à semelhança de subsistemas. Sociedades de espíritos, de seres inteligentes ou não, biosferas, culturas e mundos são diretamente influenciados pelas criaturas pensantes, que provocam com suas escolhas as reações que desencadeiam as transformações ocorridas no mundo.

O homem é o agente de Deus para a evolução do próprio universo.

As leis físicas, espirituais e morais foram formadas e elaboradas de tal maneira, que o próprio ser possa provocar, acelerar ou dinamizar as transformações sociais, políticas, filosóficas, religiosas, evolutivas ou biológicas, alterando profundamente o ecossistema universal. Qualquer que seja sua escolha, na finalidade do processo em que se situa, o homem sempre estará participando ativamente do aperfeiçoamento da vida.

Ao atuar fisicamente no mundo, influenciando-o com suas escolhas de uma forma negativa, entram em ação as leis físicas, imediatamente, que ativarão suas defesas para recuperar e reorganizar a parte em conflito.

Da mesma maneira, quando o indivíduo atua no universo moral, também devido às suas escolhas, influenciando de forma equivocada o contexto em que se situa, as leis morais determinarão elementos reparadores para sua reeducação.

De qualquer ângulo que se observe, seja pela disposição material, física, moral ou religiosa em que todas as coisas possam se manifestar, não há como excluir a idéia de Deus, de uma Consciência Organizadora, idealizadora e diretora de tudo o que existe.

Por trás de tudo, está Deus; tudo o que existe está mergulhado e existe em Deus, nada pode ser concebido fora de Deus. Essa é a realidade primeira e última da criação. Deus está sempre presente na criação, mas não é a própria criação. O Criador não se confunde com a criatura.

Deus simplesmente é.

#### Notas do texto

(1 Pentateuco é o nome dado aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, de autoria atribuída a Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, nessa ordem, que constituem a Tora, a lei para o povo judaico.)

(2 As afirmativas de Zarthú estão em concordância com a posição espírita, que rejeita o panteísmo. Segundo o autor, Deus é imanente a

toda a criação, mas isso não significa dizer que ele seja a própria criação. Mais adiante, o autor ocupa-se da natureza transcendente do Criador.

Em sua tradução de O Livro dos Espíritos, Herculano Pires já anota essa polêmica relativa à natureza imanente e, simultaneamente, transcendente de Deus. (Ver nota do tradutor à questão 615 da obra citada. As editoras que publicam as traduções de H. Pires são: Feesp, EME e Lake.)

(3 O conceito filosófico da pluralidade dos mundos habitados será referência constante nesta obra. (Ver, a propósito, os textos de Allan Kardec em O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 3, bem como em O Livro dos Espíritos, livro I, cap. 3.)

(4 Leis Universais – Todas as culturas e todo o pensamento humano são voltados para o conhecimento dessas leis. A filosofia, concebida historicamente como método racional de apreensão do real, sempre buscou estabelecer a ordem subjacente que rege a existência — ainda que, segundo o pensamento de alguns filósofos, a existência seja regida pela absoluta falta de ordem — o que, em si mesmo, constituiria uma lei do caos, se assim se pode afirmar. O Espiritismo estabelece uma síntese dessas leis divinas, universais, estudando aquilo que Kardec chama de leis morais. (Ver O Livro dos Espíritos, livro III.)

(5 Pai – Ao chamar Deus de Pai (Mt 5:16 passim), Jesus inaugura uma nova era na história da humanidade, apresentando-o de maneira diversa de Moisés e de todos os profetas do Antigo Testamento, para os quais Deus era um ser irado e vingativo, o Senhor dos Exércitos.)

# Da obra - Estudos Espíritas, de Divaldo Pereira Franco, pelo espírito de Joanna de Ângelis.

**Conceito** - Toda e qualquer tentativa para elucidar a magna questão da Divindade redonda sempre inócua, senão infrutífera, traduzindo esse desejo a vã presunção humana, na incessante faina de tudo definir e entender.

Acostumado ao imediatismo da vida física e suas manifestações, o homem ambiciona tudo submeter ao capricho da sua lógica débil, para reduzir à sua ínfima capacidade intelectual a estrutura causal do Universo, bem assim as fontes originárias do Criador.

Desde tempos imemoriais, a interpretação da Divindade tem recebido os mais preciosos investimentos intelectivos que se possam imaginar.

Originariamente confundido com a Sua Obra, mereceu temido pelos povos primitivos que legaram às Culturas posteriores a sedimentação supersticiosa das crendices em que fundamentavam o seu tributo de adoração, transitando mais tarde para a humanização da Divindade mesma, eivada pelos sentimentos e paixões transferidos da própria mesquinhez do homem.

À medida, porém, que os conceitos éticos e filosóficos evoluíram, a compreensão da Sua natureza igualmente experimentou consideráveis alterações. Desde a manifestação feroz à dimensão transcendental, o conceito do Ser Supremo recebeu de pensadores e escolas de

pensamento as mais diversas proposições, justificando ou negando-Lhe a realidade.

Insuficientes todos os arremedos filosóficos e culturais, quanto científicos, posteriormente, para uma perfeita elucidação do tema, concluiu-se pela legitimidade da Sua existência, graças a quatro grupos de considerações, capazes de demonstrá-Lo de forma irretorquível e definitiva, a saber: a) cosmológicas, que O explicam como a Causa

Única da sua própria causalidade, portanto real, sendo necessariamente possuidor das condições essenciais para preexistir antes da Criação e sobreexistir ao sem-fim dos tempos e do Universo; b) ontológicas, que O apresentam perfeito em todos os Seus atributos e na própria essência, explicando, por isso mesmo, a Sua existência, que não sendo real, não justificaria sequer a hipótese do conceito, deixando, então, de ser perfeito.

Procedem tais argumentações desde Santo Anselmo, dos primeiros a formulá-las, enquanto que as de ordem cosmológica foram aplicadas inicialmente por Aristóteles, que O considerava o "Primeiro motor, o motor não movido, o Ato puro", consideração posteriormente reformulada por Santo Tomás de Aquino, que nela fundamentou a quase totalidade da Teologia Católica; c) teleológicas, mediante as quais o pensamento humano, penetrando na estrutura e ordem do Universo, não encontra outra resposta além daquela que procede da existência de um Criador.

Ante a harmonia cósmica e a beleza, quanto à grandeza matemática e estrutural das galáxias e da vida, uma resultante única surge: tal efeito procede de uma Causa perfeita e harmônica, sábia e infinita; d) morais, defendidas por Emmanuel Kant, inimigo acérrimo das demais, que, no entanto, eram apoiadas por Spinoza, Bossuet, Descartes e outros gênios da fé e da razão. Deus está presente no homem, mediante a sua responsabilidade moral e a sua própria liberdade, que Lhe conferem



títulos positivos e negativos, conforme o uso que delas faça, do que decorrem as linhas mestras do dever e da autoridade.

Essa presença na inteligência humana, intuitiva, persistente, universal, faz que todos os homens de responsabilidade moral sejam conscientemente responsáveis, atestando, assim, inequivocamente, a realidade de um Legislador Absoluto, Suprema Razão da Vida.

Olhai o firmamento e vede a Obra das Suas mãos, proclama o Salmista Davi, no Canto 19, verso primeiro, conduzindo a mente humana à interpretação teleológica, cosmológica e cosmogônica, para entender Deus.

Examina a estrutura de uma molécula e o seu finalismo, especialmente diante do ADN, do ARN de recente investigação pela Ciência, que somente a pouco e pouco penetra na essência constitutiva da forma, na vida animal, e a própria indagação responde silogisticamente de maneira a conduzir o inquiridor à causa essencial de tudo: Deus! Outros grupos de estudiosos classificam os múltiplos argumentos em ordens diferentes: metafísicos, morais, históricos e físicos, abrangendo toda a gama do existente e do concebível.

**Desenvolvimento** - Diversas escolas filosóficas do século passado desejaram padronizar as determinações divinas e a própria Divindade em linha de fácil assimilação, na pretensão de limitarem o Ilimitado.

Outras correntes de pesquisadores aferrados a cruento materialismo, na condição de herdeiros diretos do Atomismo greco-romano, do pretérito, descendentes, a seu turno, de Lord Bacon, como dos sensualistas e cépticos dos séculos XVIII e XIX, zombando da fé ingênu e primitiva, escravizada nos dogmas ultramontanos dos religiosos do passado, tentaram aniquilar histórica e emocionalmente a existência de Deus, por incompatível com a razão, conforme apregoavam, mediante sistemas sofistas e conclusões científicas apressadas, como se a própria razão

não fosse perfeitamente confluyente com o sentimento de fé, inato em todo homem, como o demonstram os multifários períodos da História. Sócrates já nominava Deus como "A Razão Perfeita", enquanto Platão O designava por "Idéia do Bem".

O neoplatonismo, com Plotino, propôs o renascimento do Panteísmo, fazendo "Deus, o Uno Supremo", que reviverá em Spinoza, não obstante algumas discussões na forma de Monismo, que supera na época o Dualismo cartesiano. O monismo recebe entusiástico apoio de Fichte, Hegel, Schelling e outros, enquanto larga faixa de pensadores e místicos religiosos empenhava-se na sobrevivência do Dualismo.

Mais de uma vez alardeou-se que "Deus havia morrido", proclamando-se a desnecessidade da fé como da Sua paternidade, para, imediatamente, reiteradas vezes, com a mesma precipitação, voltarem esses negadores a aceitar a Sua realidade.

A personagem concebida por Nietzsche, que sai à rua difundindo haver "matado Deus", chamando a atenção dos passantes, após o primeiro choque produzido nos círculos literários e intelectuais do mundo, no passado, estimulou outras mentes à negação sistemática. Fenômeno idêntico acontecera no século anterior, quando os convencionais franceses, supondo destruir Deus, expulsaram os religiosos de Paris e posteriormente de todo o país, entronizando a jovem Candeille, atormentada bailarina do Ópera, como a Deusa Razão, que deveria dirigir os destinos do pensamento intelectual de então, ante Robespierre e outros, em Notre-Dame. Logo, porém, depois de múltiplas vicissitudes, o curto período da Razão fez que Deus retornasse à França, e muitos dos seus opositores a Ele se renderam, declarando haver voltado ao Seu regaço, cabisbaixos, arrependidos, melancólicos.

Deus vencia, mais uma vez, a prosápia utopista da ignorância humana!

Repetida a experiência no último quartel do "século das luzes", tornou a ser exilado da Filosofia e da Ciência por uns e reconduzido galhardamente por outros expoentes culturais da Humanidade.

Novamente, ante o passo avançado da tecnologia moderna, através da multiplicidade das ciências atuais, pretende-se um Cristianismo sem Deus, uma Teologia não teísta, fundamentada em cogitações apressadas, que pretendem levar o homem à "busca das suas origens", como desejando reconduzi-lo à fumaça, em vez de situá-lo em a Natureza, mantê-lo selvagem por incapacidade de fazê-lo sublime.

Tal fenômeno reflete a apressada decadência histórica e moral das velhas Instituições, na Terra de hoje, inaugurando uma Nova Era...

As construções sociais e econômicas em falência, as arquiteturas religiosas em soçobro, as aferições dos valores psicológicos e psicotécnicos negativamente surpreendentes, o descrédito inspirado pelos dominadores, em si mesmos dominados, pelos vencedores lamentavelmente vencidos pela inferioridade das paixões em que se consomem, precipitaram o agoniado espírito humano na "busca do nada", das formas primeiras, rompendo com tudo, como se fora possível abandonar a herança divina inata indistintamente em todas as criaturas, para tentar esquecer, apagar e confundir a inteligência com os impulsos dos instintos, num contumaz e malsinado esforço de contraditório retorno às experiências primitivistas da forma, quando ainda nas fases longevias de formações e reformações biodinâmicas...

Concomitantemente, porém, surgem figurações morais, espirituais, mística e científicas, sofrendo os embates que a dúvida e o cepticismo impõem, resistindo, todavia, estoicamente, na afirmação da existência de Deus, apoiadas pela Filosofia e Ética espíritas, que são as novas matrizes da Religião do Amor, pregada e vivida por Nosso Senhor Jesus-Cristo.

**Conclusão** - "Deus é Amor", afirmava João.

"Meu Pai", dizia reiteradamente Jesus, conceituando-O da forma mais vigorosa e perfeita que se possa imaginar.

E Allan Kardec, mergulhando as nobres inquirições filosóficas nas fontes sublimes da Espiritualidade Superior, recolheu através dos Imortais que "Deus é a Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas", em admirável síntese, das mais felizes, completando a argumentação com a asserção de que o homem deve estudar "as próprias imperfeições a fim de libertar-se delas, o que será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável", concordante com o ensino do Cristo, em João: "Deus é Espírito, e importa que os que O adoram, O adorem em espírito e verdade."

## **[Apostila realizada por Daniel Romão](#)**

Acesse aos blog nos link em baixo, conheça e ajude a divulgar a Doutrina Espírita.

[www.facebook.com/Farol-Da-Verdade-437432449672729/?ref=hl](http://www.facebook.com/Farol-Da-Verdade-437432449672729/?ref=hl)

[www.facebook.com/Luz-Amor-Esperanca-Espiritismo-Portugal-508069739307053/?ref=hl](http://www.facebook.com/Luz-Amor-Esperanca-Espiritismo-Portugal-508069739307053/?ref=hl)